

SONHOS DE PEDRO

Francisco Neto Pereira Pinto*

■ **H**oje acordei mais cedo, embora tivesse ido dormir com o claro propósito de melhor descansar, pois sabia que o dia seria mesmo pequeno para o tanto a fazer de deveres inadiáveis. Meu amigo Carlos disse que sou a pessoa mais acometida de tanta urgência, sempre comprometido com uma agenda inflexível e inadiável. Na verdade, eu é que não entendo como as pessoas tratam com tanta frouxidão a vida. É como diz aquela música do Raul Seixas – parece que ficam com a boca escancarada esperando a morte chegar. Francamente, viu?...

Tive um sonho, e quase fui ao chão; uma perna na cama, e outra no tapete, enquanto que com as duas mãos tentava segurar a parede. Estava dirigindo tranquilo meu carro e, em uma curva, ao demandar dos freios: o desespero – o que fazer, meu Deus? A árvore. Abri a porta, pus um pé no chão: metade do corpo fora e metade dentro, medida hercúlea de evitar a colisão. É agora, ocorreu-me; e acordei agonizando. No escuro do quarto não sabia se era efeito da batida ou o quê. Achando-me meio ridículo, decidi ir ao banheiro e lavar o rosto. Sentei no vaso, para descansar. Daí, sem aviso algum, um rodopio visceral ganhou proporções do ventre ao estômago, ou em sentido inverso, não recorro ao certo, de modo que curvei sobre os joelhos e com força abracei as pernas. O tempo parou. O fluxo cósmico, ufa! Repouso eterno. Todo o movimento acontece aqui, em minhas partes internas. Por um pouco sofri, sob um pálido feixe de luz que vinha das lâmpadas lá fora e entrava pela pequena janela de vidro na parede que divisa o banheiro da área de serviço. Foi passando, e fui esmorecendo; em pouco fiquei reduzido a um lastro de suor que deslizava pelo corpo inteiro, corria pela cerâmica e precipitava-se pelo ralo, perdendo-se de uma vez para sempre.

Outro dia tive outro sonho.

* Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Araguaína – TO – Brasil. E-mail: fneto@uft.edu.br

Eu sei que falar que tive um sonho é um pleonasmo, mas esse foi diferente. Nesse sonho de outro dia cresci contra meu chefe. Em outros sonhos quantas vezes cúmplice fui de seus insultos, injúrias; aquela voz estridente que retine nos tímpanos. Pavor, horror, sudorese, falta de ar, coração a galope, tontura, confusão mental. Contudo, dessa vez, de súbito, à primeira ofensa – sem medo:

João João vai
infame
para a terra para os vermes para nunca mais

O João é magro, não muito alto, e tem nariz grande. Meio branco, parece que veio do Sul, sempre usa protetor solar e, alegando charme, usa os cabelos grisalhos. João parece meu avô. Meu avô é Romão, pai de meu pai que não quis ser meu pai que, com minha mãe, nunca os conheci. Seu Romão sempre diz que não fosse ele e minha vó, dona Joana, eu nem existia, ou talvez fosse como seu filho, um João-ninguém vivendo em qualquer lugar. Em frente de vovó diz que sou... (adivinha você – aquela injúria!), que sendo ele jovem como eu, até bom de feição, jamais dormiria sozinho uma noite e, além disso, é sempre pontual que já não tenho mais idade para ficar em casa dos pais e ainda mais solteiro. Reclama se acordo além das sete, ainda que nos finais de semana, que a comida é demais, que a conta de energia é por demais cara; que tomo muito banho, e que são demorados; que meu cabelo é muito delicado e que homem que é homem não se cuida tanto assim:

Pedro Pedro ai ai...
Rapaz jovem fino
sempre em casa e sozinho?

Vovó, coitada! E dizer o quê? Apenas em particular me diz para não ligar, que os homens de outros tempos eram assim mesmo. Que ela já nem faz conta, que se acostumou. Outro dia me disse em tom de confidência: já chorei muito. Por que, vovó? Ah! Pedro, que mulher não quer seu homem somente para si? Queria ser para o Romão “aquela mulher que passa”! Mas acho mesmo que minha perdição foi a poesia, que nos põe nas nuvens e amolece o coração. Vai ver é assim mesmo. Eu é que sou resmungona. Nunca mais tornou ao assunto. Está sempre ocupada com a casa: lava limpa passa cozinha. Cuida do seu Romão. Cuida de mim. Esquece-se de si. Vovó é guerreira, vence um dia de cada vez. Vovó esqueceu de parar de sofrer.

Uma vez sonhei com a Ana. A Ana não é como as moças das revistas, ela sorri com a boca toda, e quando me diz alguma coisa, olha nos olhos. Quando Ana fala comigo, meu coração sai do peito e vem para a garganta, daí ela brinca: você é tão coradinho. No sonho a Ana me abraçava e beijava na boca, mas não era sua boca que eu beijava: eram morangos, flores, nuvens; era a lua cheia do mês de abril. Quando acordei, estava odioso porque era manhã e Ana já não era mais, mas ela estava lá no meu sonho, era só voltar a dormir e sonhar e então continuar a abraçá-la e beijá-la e ser só feliz. A minha felicidade toda é só a Ana: eu penso na Ana, eu sonho com a Ana. Ninguém pode amá-la mais que eu, porque ninguém lhe pensa e sonha mais que eu. O nosso amor é o forte que existe, porque não há paredes, não há ruas, não há carros, não há pessoas, não há

distância, não há tempo que nos separe: o nosso tempo é o da união – sempre juntos, dia e noite, no pensamento e no sonho.

Agora vou voltar a dormir, amar a Ana no sonho:

Ana Ana Ana

Lua cheia tempestades orquídeas

Ah como é bom amar a Ana

Que eu seja sempre seu e você somente minha

Recebido em agosto de 2014.
Aprovado em fevereiro de 2015.